

A ILUSTRAÇÃO DO CONTO INFANTIL: UMA PROPOSTA PARA A EDUCAÇÃO LITERÁRIA IMAGÉTICA E PARATEXTUAL NA SALA DE AULA

THE ILLUSTRATION OF CHILDREN'S TALE: A PROPOSAL
TO THE IMAGETIC AND PARATEXTUAL LITERARY
EDUCATION IN THE CLASSROOM

Rodolfo Rodrigues Pontes¹

Thiago Eugênio Loredo Betta²

1 Especialista em Literatura, Memória Cultural e Sociedade pelo Instituto Federal Fluminense (IFF).

2 Doutor em Cognição em Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Professor de Língua Portuguesa e Literatura no Instituto Federal Fluminense (IFF).

RESUMO: Frente ao desafio de se trabalhar com os paratextos e as ilustrações de livros infantis e juvenis na sala de aula, o presente estudo objetiva mostrar a importância e o significado desses elementos no processo formativo do professor de língua portuguesa, disciplina escolar em que a leitura literária deve ter espaço privilegiado. Para o efetivo trabalho com a literatura infantil e juvenil, é necessário apresentar os diversos sentidos das ilustrações, explorar os paratextos como elementos compositivos do objeto livro e criar um projeto de leitura literária na escola, que amplie e emancipe a experiência literária dos jovens leitores, conforme apontam Camargo (1998), Colomer (2007) e Lins (2003). Desse modo, por meio de um estudo bibliográfico e da aplicação da oficina “Ilustração do conto infantil: construção da imagem narrativa”, dirigida a graduandos em letras, foi possível identificar que a sensibilização dos futuros professores sobre a importância das ilustrações e dos paratextos provocou resultados satisfatórios, principalmente com a mudança de percepção da maioria dos licenciandos a respeito do significado que tais elementos possuem dentro das páginas do livro. O que permitiu concluir que, quando a escola se articula em torno de um projeto de leitura literária, unindo a parte imagética com a paratextual, é possível produzir muitos frutos, como a mudança de percepção dos alunos para os significados das ilustrações e os elementos paratextuais, desenvolvendo um olhar mais apurado e favorecendo uma experiência sinestésica com a complexidade do objeto livro.

PALAVRAS-CHAVE: Ilustração; Educação literária; Formação de professor; Sala de aula; Paratexto.

ABSTRACT: Faced with the challenge of working with the paratexts and illustrations of children’s and youth books in the classroom, the present study aims to show the importance and meaning of these elements in the formative process of the portuguese-speaking teacher, school discipline in which literary reading should have privileged space. For the effective work with the children’s literature, it is necessary to present the various meanings of the illustrations, explore the paratexts as composition elements of the book object and create a literary reading project at school, to expand and emancipation the literary experience of young readers, as point out Camargo (1998), Colomer (2007) and Lins (2003). Thus, through a bibliographic study and the application of the workshop “Illustration of the children’s tale: construction of the narrative image”, addressed to undergraduates in letters, it was possible to identify that sensitization raising of future teachers about the importance of illustrations and paratexts brought satisfactory results, especially with the change of perception of most licenciates regarding the meaning that such elements have within the pages of the book. This allowed us to conclude that, when the school articulates itself around a literary reading project, uniting the imagery part with the paratextual, it is possible to produce many fruits, such as the change of perception of students to the meanings of illustrations and paratextual elements, developing a more a keener look and favoring a kinaesthetic experience with the complexity of the book object.

KEYWORDS: Illustration; Literary education; Teacher education; Classroom; Paratext.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa versa sobre experiências da oficina “Ilustração do conto infantil: construção da imagem narrativa” aplicada na licenciatura em Letras, do Instituto Federal Fluminense (IFF), tendo como objetivo evidenciar a importância das imagens e dos paratextos no livro infantil e juvenil. Durante a oficina, tais recursos foram trabalhados com a finalidade de mostrar aos futuros professores a possibilidade de ampliar e qualificar o processo de leitura literária. Para isso, foram levantados alguns percursos que a ilustração tomou ao longo do tempo, em que se ressalta a força da imagem no livro infantil e juvenil contemporâneo e demonstra a importância de a escola formar o educando para explorar as potencialidades deste objeto discursivo, que integra elementos verbais e visuais.

A educação literária imagética e paratextual no contexto escolar diz respeito a um projeto de leitura literária na sala de aula com o livro infantil e juvenil, que trabalha os diversos sentidos da imagem (representativa, descritiva, narrativa, simbólica, expressiva, estética, lúdica, conativa, metalinguística, fática ou pontuação) e busca a valorização dos paratextos como signos visuais e linguísticos, que desenvolvem no leitor um olhar atento e prospectivo para o que encontrará no interior do livro.

Assim, há que se fazer um questionamento: Como se trabalhar e obter êxito com uma educação literária imagética e paratextual na sala de aula? Tentando respondê-lo, o estudo propõe três eixos estruturais: a alfabetização visual consonante à textual; a exploração dos elementos paratextuais como ponto de partida para uma leitura atenta e minuciosa; e um projeto evolutivo de leitura literária imagética e paratextual que articule todos os anos de escolaridade da educação básica, compreendendo as especificidades de cada um, com o livro infantil e juvenil na sala de aula.

Para isso, a pesquisa mostra detalhadamente como foi realizada a oficina “Ilustração do conto infantil: construção da imagem narrativa”, com uma turma do 8º período da licenciatura em Letras, do Instituto Federal Fluminense (IFF). A atividade ocorreu em dois encontros, nos dias 12 e 29 de março de 2019, e foi idealizada com o objetivo de consolidar os conhecimentos teóricos para a formação do leitor literário.

A análise da experiência nas atividades foi realizada por meio dos dados de um questionário (Apêndice A), respondido pelos participantes ao final da oficina.

Finalmente, nas considerações finais, serão destacadas as informações mais relevantes que foram obtidas por meio dos questionários. Conclui-se que a oficina contribuiu para um olhar mais acurado sobre o conteúdo da história e a estrutura da progressão da narrativa em sinergia com os elementos visuais e paratextuais.

A IMPORTÂNCIA DAS ILUSTRAÇÕES E DOS PARATEXTOS PARA A PRÁTICA DOCENTE

O livro infantil e juvenil é um objeto verbo-visual, com elementos que favorecem uma leitura atenta e pormenorizada. Para um trabalho efetivo, é necessário que o professor explore a percepção dos leitores e os incentive a analisar não apenas o texto verbal, mas também analisar os paratextos e as imagens que compõem o livro, tais como: capa, guarda, ilustração, folha de rosto e contracapa. Para isso, é de fundamental importância um olhar continuado de formação do leitor literário, que se sobreponha às atividades isoladas e estanques com o livro na sala de aula.

Infelizmente, a escola privilegia o ensino dos códigos verbais e descarta os códigos visuais, como observa Andrade (2013). Portanto, diante do atual cenário midiático, em que os estímulos imagéticos são superiores aos das palavras, o livro infantil pode ser um aliado fundamental para preencher esta lacuna no contexto educacional, já que o objeto é permeado de imagens criteriosamente trabalhadas, adequadas para cada faixa etária e extremamente sensíveis. Além disso, Andrade (2013) reitera que “algumas possíveis razões para a pouca credibilidade que a ilustração possui no meio literário infantil podem ser baseadas em dois aspectos: a banalização da imagem, nos dias atuais, e a supremacia do código escrito sob o imagético [...]” (ANDRADE, 2013, p. 3).

Nesse mesmo sentido, a pesquisadora Pelegrini (2003) é incisiva ao falar que a atual conjuntura da sociedade contemporânea é midiática sobretudo por imagens, afirmando que “a cultura contemporânea é sobretudo visual. *Video games*, *videoclipes*, cinema, telenovela, propaganda e história em quadrinhos são técnicas de comu-

nicação e de transmissão de cultura cuja força retórica reside sobretudo na imagem [...]” (PELEGRINI, 2003, p. 15). Assim, revela-se um descompasso entre o conteúdo trabalhado na sala de aula com a formação desejada pela cultura e sociedade contemporâneas, e que os estudos de Andrade (2013) demonstram que:

A alfabetização escolar é, muitas vezes, voltada para palavras e deveria contemplar também a leitura imagética [...]. Os livros compostos somente por imagens são normalmente classificados para indivíduos ainda não alfabetizados, sobretudo crianças. Seguindo essa lógica, a paratextualidade das ilustrações de grande parte dos livros não é investigada de forma mais profícua (ANDRADE, 2013, p. 4).

Como observado anteriormente, assim como a falta de alfabetização visual, as crianças enfrentam outro desafio na sala de aula, por analisarem o objeto sem contemplar todas as suas partes. Trata-se dos paratextos que, quando desconsiderados, fazem com que seja diminuída a qualidade da leitura e da experiência com o livro infantil, pelo fato de a conjunção dos elementos compositivos não acontecer. Desta forma, Silva e Souza (2016) acrescentam que, no passado, os críticos descartavam os paratextos e atualmente são os professores que o fazem:

Dizemos mais, foi e é negligenciado não apenas pelos críticos, mas também pelos docentes, quando não deram e não dão importância aos tais paratextos, quando bem pensados e construídos contribuem para a atribuição de sentido do texto que está para ser lido. Leitores fazem inferências a respeito das imagens da capa, tentando descobrir o tema, as personagens e alguns indícios visuais ajudam nas previsões sobre a história em si (SILVA; SOUZA, 2016, p. 79).

Na mesma direção do pensamento das pesquisadoras, destaca-se ao longo desta pesquisa a importância de um olhar cuidadoso do professor para esses elementos que formam o livro, já que a composição deles promove uma leitura mais aguçada e aprofundada do livro enquanto objeto estético e artístico. Ainda, Silva e Souza (2016) explicam com profundidade a importância da exploração dos paratextos com foco para o livro infantil e juvenil:

Informações sobre os paratextos: formato, título, capa, guardas, folha de rosto e biografia [...] podem e devem ser explorados pelo mediador durante o momento da leitura, pois isso contribuirá para a formação dos leitores, aguçando-lhes o olhar para os detalhes que fazem diferença na compreensão. A leitura desses paratextos constitui o primeiro contato do leitor com o material escrito e, dessa maneira, pode servir como um “guia de leitura”, pois a compreensão dos paratextos antecipa questões que podem ser respondidas quando a criança entrar no livro e começar a lê-lo (SILVA; SOUZA, 2016, p. 79).

Por vezes, os paratextos e as imagens devem ser considerados no trabalho de leitura literária na sala de aula e, para que o trabalho não aconteça de forma estanque, ambos elementos devem estar articulados dentro de um projeto educacional. Pois, a escola deve conceber a leitura literária de forma integrada, buscando que o professor de cada série saiba quais obras usar, o porquê e como trabalhá-las na sala de aula, com objetivos traçados, numa perspectiva evolutiva, em que se aumenta o grau de complexidade das atividades com o livro progressivamente. Só desta forma, o trabalho ganha corpo, movido por um sentido mais amplo e qualificado de leitura literária na sala de aula, como propõe Colomer (2007):

A leitura de livros cria um itinerário prolongado de toda a escolaridade obrigatória. Não se lê livremente em umas séries e se aprende literatura em outras. Se se está consciente da continuidade da aprendizagem, as séries se podem enlaçar de forma mais eficaz e os professores podem trabalhar em equipe para ajudar a seus alunos durante esse período (COLOMER, 2007, p. 10).

Portanto, a escola, para promover eficientemente a leitura literária, precisa oferecer ferramentas para a criança ler o texto visual e as potencialidades oferecidas pelo objeto livro. Para isso, é fundamental pensar numa educação literária transversal e progressiva. Transversal, pois trata-se da capacidade de desenvolver novas habilidades para a criança e o jovem lerem e perceberem o livro de diversas formas. Progressiva refere-se à possibilidade de a escola criar um projeto de leitura literária amplo, que permita aos alunos de cada série, assim que avançarem nos estudos, irem se aprofundando nos conhecimentos estéticos e literários relacionados ao li-

vro infantil e juvenil, como defende Colomer (2007). A partir disso, espera-se que as crianças tenham um contato melhor com o livro e extraia o máximo possível a sua carga polissêmica. Assim sendo, as pesquisadoras a seguir afirmam que as: “[...] práticas leitoras não são somente aquelas em que o aluno decifra códigos escritos, são também aquelas as quais envolvem as imagens e fazem com que o leitor as perceba, assimile [...]” (BURLAMAQUE; MARTINS; ARAUJO, 2011, p. 77-78).

Diante do exposto, espera-se que o professor possa conquistar resultados satisfatórios com a leitura literária na sala de aula, sob esse cuidado de ultrapassar a palavra, seguindo as proposições de incluir os paratextos e as ilustrações como recursos imprescindíveis para a leitura do livro. Sendo assim, segue uma sugestão e exemplo de uma obra literária que pode ser trabalhada na sala de aula e explorados os aspectos relacionados anteriormente.

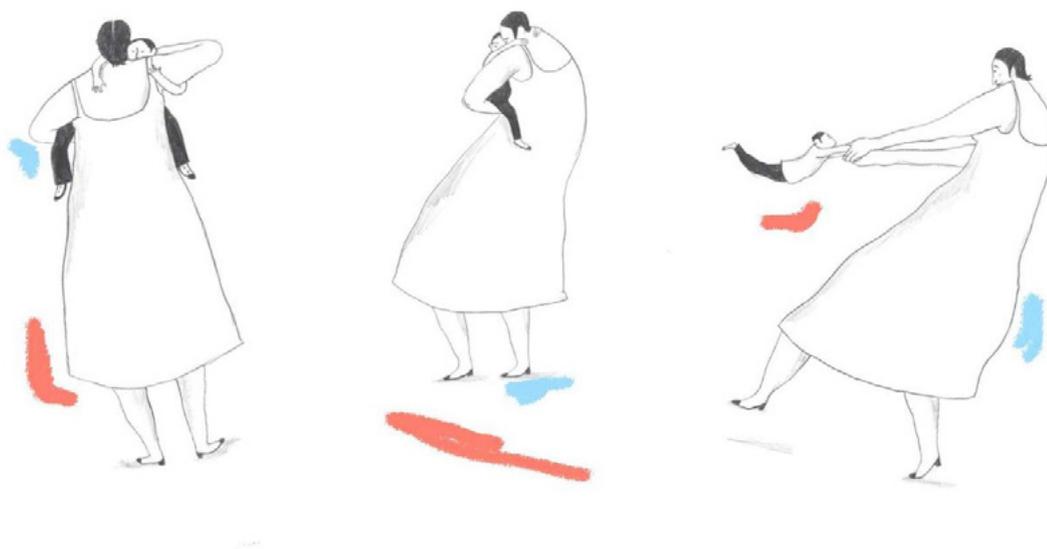


Figura 1 - Ilustração do livro infantil “Meu pequenino”, de Germano Zullo

Fonte: lunetas.com.br/livro-meu-pequenino/

O livro infantil “Meu pequenino”, de Germano Zullo é composto de imagens e palavras que formam um amálgama com extrema concisão. As ilustrações possuem um traço bem simples que reporta ao traço da criança. Com um planejamento visual

bem minimalista, o livro que conta o ciclo da vida, que, por vezes, mostra-se complexo, a sua carga estética conquista e prende o leitor até o fim. Outro ponto a ser destacado é que a ilustração e o texto não brigam entre si neste livro, cada um se desenrola de forma precisa, configurando-se um amálgama.

O UNIVERSO DA ILUSTRAÇÃO NO LIVRO INFANTIL

Para entender a importância da ilustração no livro infantil e juvenil, antes é fundamental conhecer as teorias gráfico-visuais e os processos que sofre até sua materialização nas páginas. Sem esse aprofundamento corre-se o risco de simplificá-la a meros desenhos ou enfeites. Indo-se na contramão desse olhar simplificado, a ilustração no livro infantil deve ser compreendida como uma narrativa visual, que dialoga e se constrói por meio do texto literário.

Percebe-se que é fundamental o professor conhecer as funções coexistentes nas ilustrações, para que haja uma definição sobre o que vai explorar com elas, no sentido de selecioná-las e colocá-las em uma linha de abordagem. Assim como se faz — para compreender também o valor transcendente que a ilustração possui — evitando, desta forma, estabelecê-la apenas com a função de ornar textos.

Segundo Camargo (1998), confere-se comumente à ilustração as funções de ornamentar ou aclarar o texto que simultaneamente exhibe. Entretanto, a ilustração pode ter diversas outras funções, tais como: representativa, descritiva, narrativa, simbólica, expressiva, estética, lúdica, conativa, metalinguística, fática e de pontuação, conforme definições estabelecidas a seguir:

A imagem tem **função representativa** quando imita a aparência do ser ao qual se refere; **função descritiva**, quando detalha essa aparência; **função narrativa**, quando situa o ser representado em devir, através de transformações (no estado do ser representado) ou ações (por ele realizadas); **função simbólica**, quando sugere significados sobrepostos ao seu referente, mesmo que arbitrariamente, como é o caso das bandeiras nacionais; **função expressiva**, quando revela sentimentos e valores do produtor da imagem, bem como quando

ressalta as emoções e sentimentos do ser representado; **função estética**, quando enfatiza a forma da mensagem visual, ou seja, sua configuração visual; **função lúdica**, quando orientada para o jogo, incluindo-se o humor como modalidade de jogo; **função conativa**, quando orientada para o destinatário, visando influenciar seu comportamento, através de procedimentos persuasivos ou normativos; **função metalingüística**, quando o referente da imagem é a linguagem visual ou a ela diretamente relacionado, como citação de imagens etc.; **função fática**, quando a imagem enfatiza o papel de seu próprio suporte; **função de pontuação**, quando orientada para o texto junto ao qual está inserida, sinalizando seu início, seu fim ou suas partes, nele criando pausas ou destacando alguns de seus elementos. (CAMARGO, 1998, p. 60) [grifos nossos].

Conforme afirmado na seção anterior, de as escolas geralmente privilegiar o código verbal em detrimento do visual, existe um pensamento de que a função de contar história compete apenas ao texto, sendo ele oral ou escrito. No entanto, percebe-se que num livro infantil e juvenil (em que há narrativas visuais acompanhadas do texto) existe um “revezamento” do texto com a imagem, ora um sobressai, ora outra se destaca, mas ambos “brincam” de contar histórias no livro. Para reforçar este fato, Cavalcante (2010) escreve:

Contar histórias não é a função pertinente apenas ao texto oral ou escrito, mas também às ilustrações. As ilustrações sugerem um entendimento de espaço e de tempo. Enquanto a leitura do texto ocorre de forma linear, as imagens sugerem uma narrativa própria, onde imagem e palavra se potencializam mutuamente em função das suas diferenças. Cada qual pode sobressair-se em relação ao outro, mas o objetivo de contar uma história ou de passar um conteúdo comunicativo prevalece (CAVALCANTE, 2010, p. 40).

Também se faz necessário destacar uma função que deve ser desempenhada, tanto pela história (do ponto de vista escrito) quanto pela ilustração, a qual Ramos e Nunes (2013) chamam de “acolhida”:

[...] mesmo que a ilustração seja proveniente da ótica do ilustrador, assim como a palavra é organizada pelo escritor, cada uma das lin-

guagens tem uma função na construção discursiva, tentando estabelecer um vínculo com o leitor. Por isso, palavra e ilustração precisam acolher o leitor e permitir-lhe encontrar no texto uma brecha para dele fazer parte, interagir, interferir, exercendo o papel de leitor, aqui entendido como produtor de sentido (RAMOS; NUNES, 2013, p. 254).

Quando a ilustração é bem elaborada, ela cumpre um papel de grande valor no livro, que é, segundo Ramos e Nunes (2013), o “abrir frestas” na história, tornando-se atrativos visuais, que fazem o leitor “mergulhar”. As autoras explicam isto com mais detalhes: “A fresta aberta pela imagem, neste caso a ilustração, torna-se, portanto, uma brecha para viver experiências sensoriais, imaginativas, desafiadoras, estéticas e de total fruição” (RAMOS; NUNES, 2013, p. 255).

Na maioria das vezes, a ilustração é acompanhada de texto, sendo assim ela pode ser representada e avaliada dentro de três grupos adotados por Camargo, que são: ícone, índice ou símbolo, que rememoram as postulações de Peirce. Mais adiante Camargo explica:

Ilustração é uma imagem que acompanha um texto. A imagem pode: 1) imitar a aparência visual de um objeto – por exemplo, uma pintura representando uma cadeira; 2) apresentar uma relação de causa e efeito com o objeto que representa – por exemplo, as marcas, em um tapete, das pernas de uma cadeira, que indica que ali havia uma cadeira; 3) ter significados convencionais, isto é, estabelecidos culturalmente, por convenção – por exemplo, a cadeira utilizada por bispos em audiências oficiais, que simboliza autoridade eclesiástica. Por isso, a imagem tem algo de ícone (1), de índice (2) e de símbolo (3) (CAMARGO, s. d., s. n.).

Também, a ilustração juntamente ao texto, exige do leitor múltiplas abordagens e compreensões e às vezes pensa-se que o livro apenas exige a leitura da palavra; porém, não: é muito maior do que isso. Góes e Alencar (2009) esclarecem que:

Ler envolve um processo de compreensão abrangente de diferentes linguagens, que reúne componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos e neurológicos, bem como econômicos, sociais e políticos. Trata-se de uma perspectiva de caráter cogniti-

vo-sociológico em que o leitor participa com uma aptidão que não depende de sua capacidade de decifrar sinais, mas de sua capacidade de atribuir sentido a eles e compreendê-los (GÓES; ALENCAR, 2009, p. 71).

Baseando-se nas colocações anteriores sobre o processo de compreensão, percebe-se a complexidade e, ao mesmo tempo, as especificidades intrínsecas à leitura. Bem mais do que ler palavras, imagens e pontuações, é necessário dar sentido ao que se lê. Para isso, tal como o corpo humano, composto de órgãos que, quando desempenham suas funções bem, permitem o melhor relacionamento do ser humano com o mundo; também são os componentes no processo de leitura, por proporcionarem ao leitor um aproveitamento maior do livro. Também vale destacar o valor imprescindível dos hiatos imagéticos, que são aberturas para a criança e o jovem colocarem a imaginação e a criatividade dentro do processo de leitura das narrativas visuais. Seguindo essa ideia, Oliveira (2008) afirma:

O universo figurativo, muito além de sua mimese, deve estar perfeitamente integrado nos objetos da ação. É necessário que haja um isomorfismo absoluto entre forma e fundo. Uma ilustração hiper-realista deixa poucos espaços para o complemento da imaginação do pequeno leitor. Essa participação imaginária significa que vemos na verdade a nossa expectativa do ver, não necessariamente o que está de forma tão realista explicitado em demasia (OLIVEIRA, 2008, p. 86).

A ilustração não é uma vantagem do livro infantil e juvenil, ela está presente em múltiplos locais, com diferentes funções a desempenhar. No livro para crianças e jovens, vale destacar a capacidade que a ilustração possui de amalgamar-se ao texto literário, tornando-se um. Ramos e Panozzo (2004) explicam:

A ilustração não é privilégio do texto destinado à criança. Ela aparece em diferentes mídias, como na publicidade, visando dar um caráter de verdade, auxiliar na recepção da peça ou mesmo na constituição da vaguidade semântica, características da linguagem publicitária. Acreditamos, porém, que a ilustração não deva somente dar brilho à palavra, pois estaria na condição de texto de apoio. Ela, juntamente com a linguagem verbal, forma um texto, ou seja, o

fenômeno apreendido pelo receptor constitui-se pelo enlace visual e verbal (RAMOS; PANOZZO, 2004, s. p.).

Além da característica apresentada anteriormente, a função da ilustração, muitas vezes, não é nítida ou reconhecida pelo leitor, havendo necessidade de que ele relacione a ilustração ao suporte no qual ela se apresenta. Para entender melhor, Costa (2012) esclarece deste modo: “Algumas vezes, a função e o propósito da ilustração não são claros. Exemplo disso é que, muitas vezes, chamamos um desenho ou uma fotografia de ilustração apenas quando são veiculados por um impresso, ou quando queremos nos referir a uma separação entre a palavra e a imagem” (COSTA, 2012, p. 18).

Como é possível perceber, a função da ilustração depende muito daquilo a que a ilustração se destina, e da intenção do ilustrador. Ela pode desempenhar vários papéis quando acompanha o texto, como estimular o sensorial ou o tátil. Porém, o mais importante e destacável dentre esses argumentos é que a função principal da ilustração no livro infantil e juvenil deve ser aquela de prestar serviço ao texto; e não ir no sentido oposto ao que ele exige. Para isso, cumpre ao ilustrador impregnar na obra uma alta capacidade interpretativa e compreensiva.

RELATO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES DA OFICINA

A oficina “Ilustração do conto infantil: construção da imagem narrativa” foi desenvolvida com a turma do 8º período da licenciatura em Letras, do IFFluminense *campus* Campos Centro, com o intuito de oferecer aos alunos a oportunidade de conhecerem alguns aspectos relacionados à construção da ilustração nos livros infantis (cor, forma, papel, técnicas), além de lhes permitir revisitar narrativas infantis (“João e Maria”, “O Pequeno Polegar” e “O Soldadinho de Chumbo”) e tecer, por meio da imagem, suas impressões e criar uma boneca (protótipo de livro). Sendo assim, foram precisos dois encontros com duração de 1h40 cada, acontecidos nos dias 12 e 19 de março de 2019.

Primeiramente, no dia 12 de março de 2019, foi elaborada uma apresentação contendo os aspectos teóricos que envolvem a produção da imagem -- baseados nos

estudos de Lins (2003), Camargo (1998), Oliveira (2007) e Moraes (2008). Inicialmente dedicou-se a compreender o processo de elaboração do projeto gráfico, que para Moraes (2008) são as tomadas de decisões da concepção à finalização do objeto livro. Também, amparado em Oliveira (2007), exprimiu-se a importância da imagem narrativa não ser “espelho” do texto, mas um artifício visual que abre portas para a imaginação do leitor. Sendo assim, por meio da exposição e do manuseio de obras literárias com diferentes formas de apresentação das ilustrações e dos elementos paratextuais, buscou-se aumentar o repertório teórico-metodológico e visual dos alunos. Durante a exposição das obras, foram apresentadas algumas funções inerentes à imagem, conforme propõe Camargo (1998). As funções são: representativa, descritiva, narrativa, simbólica, expressiva, estética, lúdica, conativa, metalinguística, fática e pontuação.

Logo depois, foram mostrados três passos que deveriam ser seguidos na elaboração do livro, que são: 1) desenvolver inicialmente um *storyboard* -- uma espécie de esboço das páginas do livro -- contendo as manchas gráficas de texto e ilustração; 2) escolha da paleta de cores -- se o livro teria uma ambientação quente ou fria ou bucólica, por exemplo; e 3) definição de um estilo gráfico para a narrativa visual -- se seria a grafite, recorte, giz de cera. Para isso, os contos infantis clássicos “João e Maria”, “O Pequeno Polegar” e “O Soldadinho de Chumbo” foram entregues aos alunos, que escolheram um dos textos, recortaram as partes que seriam distribuídas entre as páginas da “boneca” e começaram a idealização do projeto de ilustração. O processo de recorte foi orientado de modo a respeitar as partes da narrativa e os momentos que contribuíssem para manter o suspense e evitassem a quebra abrupta de uma cena.

Durante a apresentação teórica, os alunos mostraram-se surpresos pela profundidade e pelo trajeto que se faz para se desenvolver a narrativa visual do livro infantil e juvenil, desmistificando a ideia de um “simples desenho”. Além disso, os alunos ficaram um pouco receosos de não conseguirem produzir suas ilustrações, imaginando que fossem de domínio apenas dos que “desenham bem”. A atividade contribuiu para desfazer tal crença, pois mostrou que, quando se domina uma teoria e uma metodologia, pode-se chegar a resultados altamente criativos e satisfatórios, como foi o caso de algumas bonecas produzidas pela turma.

No dia 19 de março de 2019, segundo encontro da oficina, após ter sido ofe-

recida a aula teórica e metodológica, com foco na criação das narrativas visuais e montagem da boneca, em que se trabalhou algumas abordagens teórico-visuais, desenvolvidas por Guto Lins (2003), Luiz Camargo (1995) e Rui de Oliveira (2008), partiu-se à construção das ilustrações e a montagem da boneca utilizando recursos com recortes de revistas, tintas, lápis de cor, giz de cera entre outros que os próprios alunos levaram para o encontro. Sugeriu-se que as ilustrações fossem experimentais e originais, tendo o texto apenas como ponto de partida. Para isso, estrategicamente trabalhou-se com contos de fadas já bem conhecidos para que fosse possível avaliar o quanto a turma se aproximaria ou se distanciaria dos estereótipos visuais das cenas e dos personagens daquelas histórias.

Essa atividade não teve como finalidade a avaliação da qualidade gráfica do traço dos alunos, mas buscou colocá-los em contato com o processo de construção das narrativas visuais, levando-os a compreender o percurso criativo a que as ilustrações são submetidas, para, assim, vencer-se o estigma de meros enfeites nas páginas. O critério avaliativo adotado foi o da capacidade perceptiva e criativa dos estudantes, do quanto “mergulhariam” nos textos literários e como conseguiriam expressar suas impressões e leituras por meio de imagens, sem se prender a estereótipos ou à reprodução literal dos personagens e cenas, o que se traduziria como uma mera reprodução da narrativa verbal.

A oficina contou com a participação de 11 alunos. Para mais detalhes, o **Gráfico 1** mostra o grau de satisfação que a atividade proporcionou aos educandos, tendo a margem de pontuação de 0 a 10: um aluno pontuou como 6, dois alunos pontuaram como 7, nove alunos classificaram como 9 e cinco alunos pontuaram como 10.



Gráfico 1 - Grau de satisfação pessoal com a oficina

Fonte: elaborado pelo autor.

Como observado no **Gráfico 1**, há uma porcentagem suficiente de alunos que gostaram da experiência que a oficina levou para a sala de aula, já que ela os colocou em contato com histórias lidas na infância para as quais retornaram com uma leitura mais amadurecida. Nesse retorno aos textos, eles puderam perceber com mais clareza e propriedade aspectos antes desconsiderados, como a utilização das cores e seus efeitos, dos paratextos, das áreas de respiro nos livros infantis e das potencialidades da ilustração.

A fim de detalhar ainda mais, segue o **Quadro 1** com as respostas de cada aluno à seguinte pergunta: “A sua concepção de ilustração infantil modificou-se com a realização da atividade?”. Foi possível constatar que, dos 11 alunos, 9 disseram que sim, 1 disse que não e 1 relatou que um pouco. Vale destacar que o único aluno que respondeu negativamente à pergunta afirmou já ter a percepção almejada pela oficina. Segundo ele, “Nunca entendi a ilustração infantil como desenhos óbvios somente voltados para a compreensão/ilustração do que está sendo narrado, e sim linguagens que se somam”. Esse ponto de vista vai ao encontro das teorias a respeito do design e da ilustração aqui apresentadas, especialmente a ideia de “linguagens que se somam”.

Diante das respostas, depreende-se que a atividade alcançou um de seus objetivos, neste caso o de revelar a riqueza que há nas ilustrações, que muitas vezes é forjada por um olhar reducionista, considerando-a apenas reflexo do texto ou mero enfeite visual, como a grande maioria das respostas demonstraram em afirmações como: “eu pensava que ilustração fosse desenho”, “me fez enxergar com mais cuidado os vários aspectos da ilustração” e “Não via como uma parte da história”.

SIM/ NÃO	JUSTIFICATIVA
Sim	Pois eu pensava que ilustração fosse desenho.
Sim	Eu sempre amei o mundo literário infantil, mas saber mais sobre a ilustração me fez enxergar com mais cuidado os vários aspectos da ilustração e os seus formatos possíveis para interação com a criança.
Sim	Eu sempre associei ilustração infantil com o simples “mostrar em forma de desenho” o que estava escrito. Não via como uma parte da história.
Um pouco	À medida que pude observar diferentes tipos de ilustrações/narrativas feitas pelos meus colegas.
Não	Nunca entendi a ilustração infantil como desenhos óbvios somente voltados para a compreensão/ilustração do que está sendo narrado, e sim linguagens que se somam.

SIM/ NÃO	JUSTIFICATIVA
Sim	Pensava que fosse fácil ilustrar um livro infantil, mas percebi que exige muita criatividade para não criar algo tão objetivo.
Sim	Principalmente para mim que trabalho com educação infantil.
Sim	É bem mais difícil do que parece instigar a imaginação com ilustrações sem ser tão concreto.
Sim	Pois pude trabalhar minha criatividade.
Sim	Proporciona o exercício de estar do lado da criatividade e não apenas da interpretação/sensibilidade.
Sim	Mesmo não tendo qualquer tipo de habilidade ilustrativa, eu percebi que o processo de ilustração vai além da prática.

Quadro 1 - A sua concepção de ilustração infantil modificou-se com a realização da atividade?

Fonte: elaborado pelo autor.

Agora, atendo-se aos contos infantis selecionados, o **Quadro 2** revela a experiência dos alunos ao revisitarem “O soldadinho de chumbo”, “João e Maria” e “O pequeno Polegar”. Depois de selecionado o conto pelos educandos para ilustrar e discutidas algumas de suas peculiaridades temáticas e contextuais, a pesquisa se intensificou em saber se o reencontro proporcionou novas impressões e percepções nos alunos.

O **Quadro 2** mostra que o conto “João e Maria” foi selecionado por 7 alunos, “O soldadinho de chumbo” escolhido por 3 alunos e o “O pequeno Polegar” selecionado por 1 aluno. Observando as respostas, percebe-se que a experiência contribuiu em diversos aspectos: leitura mais amadurecida; liberdade para criar ilustrações ao gosto de cada um; surpresa por o conto possuir diversos conflitos; leitura mais apurada e atenta; observação num desfecho diferente da história; possibilidades de ilustrar; e estímulo para a sensibilidade.

CONTO ILUSTRADO	TROUXE NOVA PERCEPÇÃO DA HISTÓRIA? SIM OU NÃO?	JUSTIFICATIVAS
O soldadinho de chumbo	Sim	Eu consegui enxergar o conto infantil com mais maturidade.
João e Maria	Sim	Eu procurei não ilustrar os personagens primários para permitir que as crianças os imaginassem da forma como quisessem, sendo assim, eu ilustrei as coisas secundárias de mais relevâncias para a história. Gostaria de ver um livro assim.
João e Maria	Sim	Minha leitura do conto gerou surpresa pelo grau de conflitos num conto infantil e tentei colocar o máximo dessa obscuridade na minha ilustração.
João e Maria	Não	Não tive uma nova percepção em relação à história, pois tomei como base outras ilustrações com as quais já tive contato.
João e Maria	Sim	Tive de ler observando detalhes que seriam importantes para a construção da ilustração.
O soldadinho de chumbo	Sim	Foi necessário que eu pensasse em cada detalhe do texto.
João e Maria	Sim	Achei importante fazer minha própria ilustração, pois saí um pouco daqueles estereótipos vindos das ilustrações originais.
O soldadinho de chumbo	Sim	A atividade de ilustrar fez-me repensar os detalhes e em como um romance pode, com o final não feliz, ser apresentado para uma criança.
João e Maria	Não	
O pequeno Polegar	Sim	Porque se percebe as inúmeras possibilidades de representar os textos.
João e Maria	Sim	Pois o objetivo de ilustrá-lo despertou em mim uma sensibilidade, fazendo com que eu estivesse mais atenta aos detalhes.

Quadro 2 - A sua experiência de leitura do conto, com o objetivo de ilustrá-lo, trouxe uma nova percepção da história?

Fonte: elaborado pelo autor.

Depois de se aprofundar nas informações correlacionadas à experiência com a ilustração e de visitar os contos de fadas, também o estudo indagou aos alunos se a atividade à qual foram submetidos poderia ser levada para a sala de aula. Com

unanimidade, todos os alunos que participaram da oficina responderam que sim, como mostra o **Gráfico 3** a seguir. Não só isso, eles afirmaram que, munidos das informações teóricas apresentadas e da experiência criativa proposta na oficina, a leitura literária se tornaria muito mais prazerosa na sala de aula.

SIM/NÃO	JUSTIFICATIVA
Sim	Os alunos ficariam mais interessados em ler os contos.
Sim	Acho que quando a leitura literária ganha significado de prazer, tudo se torna mais agradável da leitura à produção.
Sim	Ela irá gerar na criança um novo olhar sobre o que está lendo. Ela mesma poderá externar a visão que ela tem daquele texto.
Sim	A leitura acaba ganhando um novo significado/percepção; saímos da atividade mecânica de decodificação, ultrapassamos o nível semântico/interpretativo para alcançarmos um nível de percepção da história que nos aproxima da autoria. Essa percepção estimulada aos alunos da educação básica certamente deve ser responsável por uma experiência literária no mínimo diferenciada.
Sim	Pode parecer uma leitura menos maçante e mais criativa.
Sim	Acredito que isso motive os alunos a imaginarem mais ao contato com uma leitura literária.
Sim	A partir do momento que a criança passa a ter a autonomia para ilustrar a história, ela passa a ter novas visões a respeito daquela história.
Sim	Acredito que também instigará as crianças a perceberem os detalhes e a beleza de um texto.
Sim	Para desenhar a história, antes é preciso entendê-la e depois recriá-la.
Sim	Traz uma perspectiva totalmente diferente dos métodos atuais.
Sim	Esse tipo de atividade tem a capacidade de despertar aspectos cognitivos relacionados à criatividade.

Quadro 3 - Se esta atividade for aplicada na educação básica, ela poderá contribuir para estimular a leitura literária?

Fonte: elaborado pelo autor.

Ainda pensando na aplicação da atividade na sala de aula, os educandos foram questionados para qual série do (Ensino Fundamental e/ou Ensino Médio) se destinaria a atividade. Além disso, cabe-nos refletir se há série ideal para uma atividade de leitura literária na sala de aula. Conforme discutido nesta pesquisa, baseado nos estudos de Colomer (2007), o fundamental é a escola ter um projeto que perpassse todos anos de escolaridade, abraçando as especificidades de cada um deles, para

que se formem verdadeiramente leitores atentos e críticos. Sendo assim, o **Gráfico 2** detalha e mostra os números dos anos de escolaridade sugeridos pelos educandos a aplicação da atividade.

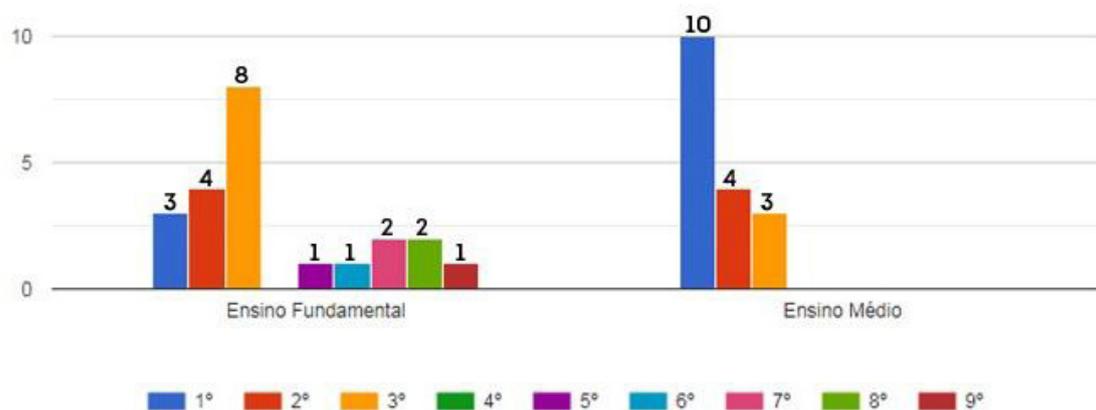


Gráfico 2 – Você indicaria esta atividade para qual(ais) anos de escolaridade

Fonte: elaborado pelo autor.

Explorando os dados sugeridos pelos alunos: 8 indicaram para o 3º ano do Ensino Fundamental; 4 para o 2º ano do Ensino Fundamental; 3 para o 1º ano do Ensino Fundamental; 2 para o 7º e o 8º anos do Ensino Fundamental; e 1 para o 5º, o 6º e o 9º anos do Ensino Fundamental. Também eles sugeriram para o Ensino Médio: 10 para o 1º ano; 4 para o 2º; e 3 para o 3º ano. O 3º ano do Ensino Fundamental e o 1º ano do Ensino Médio foram os que superaram a quantidade de sugestão.

No entanto, vale destacar que a oficina tem o seu grau de dificuldade, mas quando há uma dedicação do professor e a escola se estrutura por meio de um projeto amplo de formação continuada de leitores, os desafios podem ser superados e o objetivo conquistado. Reiterando o que se afirmou acima, a oficina “Ilustração do conto infantil: construção da imagem narrativa” teve como objetivo principal mostrar aos futuros docentes o percurso a que as ilustrações são submetidas, para, assim, vencer o estigma de meros espelhos ou enfeites nas páginas. Diante das respostas de cada aluno participante, pode-se concluir que o objetivo foi conquistado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como premissa mostrar para professores o valor estético e narrativo das imagens e dos paratextos como recursos compositivos do livro infantil e juvenil e a importância de serem explorados na sala de aula. Para tanto, os paratextos (capa, contracapa, guarda, folha de rosto, formato, título, tipo de papel, nome do escritor e do ilustrador) são indícios visuais e linguísticos sobre o objeto e o conteúdo do livro. Além disso, as ilustrações podem ir além de uma mera cópia do texto e desempenhar outros significados, tornando-se (representativa, descritiva, narrativa, simbólica, expressiva, estética, lúdica, conativa, metalinguística, fática ou pontuação). Desta forma, foi possível identificar que os estudos teórico-metodológicos acerca da educação literária trabalhados nas atividades da oficina contribuíram para que o futuro professor de língua portuguesa e literatura ampliasse o olhar para a experiência da criança com o livro infantil e juvenil na sala de aula.

Além disso, a oficina “A ilustração do conto infantil” possibilitou aos educandos e futuros professores uma aproximação crítica e técnica dos paratextos, permitindo-lhes a identificação em diversos livros infantis e juvenis disponibilizados durante a atividade. Também, em outra dimensão da oficina, foram oferecidas obras que possuíam ilustrações com características diversificadas, fazendo com que os participantes explorassem o conteúdo estudado numa relação prática na sala de aula.

Embora as atividades de sensibilização de professores para os aspectos não verbais dos livros infantis seja um tema aberto a novas pesquisas e proposições metodológicas, conclui-se que a oficina aqui apresentada conquistou resultados satisfatórios, principalmente pela mudança de percepção da maioria dos alunos para com as ilustrações e os paratextos, despertando um olhar mais apurado e favorecendo uma experiência sinestésica com o objeto livro.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Júlia Parreira Andrade. O papel da ilustração no livro-ilustrado: uma discussão sobre a autonomia da imagem. In: IV SILEL – SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 1., 2013, Uberlândia. *Anais [...]*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, EDUFU, 2013. v. 3, p. 1-8.
- BURLAMAQUE, Fabiane Verardi; MARTINS, Kelly Cristina Costa; ARAÚJO, Mayara dos Santos. A leitura do livro de imagem na formação do leitor. In: SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (Orgs.). *Leitura literária na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p. 75-95.
- CAMARGO, Luís. *Ilustração do Livro Infantil*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1995.
- CAMARGO, Luís. *Poesia infantil e ilustração: estudo sobre Ou isto ou aquilo de Cecília Meireles*. 214f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1998.
- CAVALCANTE, Nathalia Chehab de Sá. *Ilustração: uma prática passível de teorização*. 2010. 285f. Tese (Doutorado em Design) – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.
- COSTA, Jorge Alberto Paiva da. *O design da ilustração no livro ilustrado brasileiro contemporâneo*. 2012. 216f. Dissertação (Mestrado em Design) – PPGDesign, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo.
- GÓES, Lúcia Pimentel; ALENCAR, Jakson de (Orgs.). *Alma da imagem: a ilustração de livros para crianças e jovens na palavra de seus criadores*. São Paulo: Paulus, 2009.
- LINS, Guto. *Livro infantil?: projeto gráfico, metodologia, subjetividade*. São Paulo: Edições Rosari, 2003.
- MORAES, Odilon. O projeto gráfico do livro infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda. *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008.
- OLIVEIRA, Rui de. *Pelos Jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para*

- crianças e jovens. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- PELEGRINI, Tânia. Narrativa verbal e narrativa visual: possíveis aproximações. In.: PELEGRINI, Tânia. et al. *Literatura, cinema e televisão*. São Paulo: Editora Senac São Paulo – Instituto Itaú Cultural, 2003. p. 15-35.
- RAMOS, Graça. *A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- RAMOS, Flávia Brocchetto; NUNES, Marília Forgearini. Efeitos da ilustração do livro de literatura infantil no processo de leitura. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 48, p. 251-263, 2013.
- RAMOS, Flávia Brocchetto; PANOZZO, Neiva Senaide Petry. Entre a ilustração e a palavra: buscando pontos de ancoragem. *Espéculo: Revista de Estudios Literarios*, Madrid, n. 26, mar. 2004.
- SILVA, Kenia Adriana de Aquino Modesto; SOUZA, Renata Junqueira de. Os significados dos paratextos, da narrativa e das ilustrações: a mediação e a formação do leitor literário. *Revista Cerrados*, Brasília, v. 25, p. 76-93, 2016.
- VIGNA, Elvira. O livro de literatura infantil e juvenil como objeto estético. *Itinerários*, Araraquara, n. 17, p. 189-199, 2001.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO "ILUSTRAÇÃO DO CONTO INFANTIL"

Ilustração do conto infantil: a construção da imagem narrativa

*Obrigatório

1. Qual o seu número de matrícula? *

2. Qual o grau de satisfação pessoal com esta atividade? *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Péssimo	<input type="radio"/>	Excelente									

3. A sua concepção de ilustração infantil modificou-se com a realização desta atividade? Sim ou Não? Justifique. *

4. Qual foi o conto ilustrado por você? A sua experiência de leitura, com o objetivo de ilustrá-lo, trouxe uma nova percepção da história? Sim ou Não? Justifique. *

5. Você considera que, se esta atividade for aplicada na educação básica, ela poderá contribuir para estimular a leitura literária? Sim ou Não? Justifique. *

6. Você indicaria esta atividade para qual(quais) ano(s) de escolaridade? *

Marque todas que se aplicam.

	1°	2°	3°	4°	5°	6°	7°	8°	9°
Ensino Fundamental	<input type="checkbox"/>								
Ensino Médio	<input type="checkbox"/>								